

Coordenação e edição: Ana Teresa Alves (FCSH-UA / ana.tc.alves / <https://www.facebook.com/profile.php?id=61586614924042>)

As Línguas

Autora:

Ana Teresa Alves (FCSH-UA)

Celebrou-se no dia 5 de maio, o dia mundial da língua portuguesa, e, eu, que tenho por objeto de estudo as línguas, homenageio-a aqui, a ela e a todas as outras, que se estima sejam mais de 7000 em todo o mundo. Apesar de consideravelmente diferentes entre si, têm um importante núcleo em comum, que recebe o nome de gramática universal. As línguas são uma poderosa ferramenta de comunicação, pois permitem-nos falar de tudo o que existe, do que não existe, do que poderá ou não poderá vir a existir, do que está perto e do que está longe, do que vemos e do que não vemos, e por aí fora.

Contudo, com exceção daqueles que as estudam/ensinam ou daqueles para quem elas são o principal instrumento de trabalho, como, por exemplo, os escritores e os jornalistas, pouco refletimos sobre elas. As línguas, tal como tudo o que existe no mundo, mudam com o passar do tempo. São cultura, mas também são natureza. Alguns reclamam contra essa mudança. Não é o meu caso, que prefiro olhar para ela com deslumbramento, como uma prova de vida, como um sinal da longevidade e resiliência das línguas. Muitas vezes, usamo-las mal, desrespeitando a sua harmonia, a sua arquitetura – o que não é aceitável – mas, ainda assim, na maior parte dos casos, tal não impede que nos façamos entender. Como acontece com as pessoas, o



Imagem de Rocha Sedimentar

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rocha_sedimentar_serra_da_capivara.jpg

seu ponto mais forte pode, em algumas circunstâncias, ser o seu ponto mais fraco. Não gosto de ouvir dizer que a língua é injusta ou não é inclusiva, pois isso significa transferir para as línguas, uma responsabilidade que é dos seus utilizadores. **Dizer que a língua é alguma dessas coisas é o mesmo que dizer que uma árvore ou um rio são injustos. Uma árvore é uma árvore, um rio é um rio, uma língua é uma língua, e, se não são usados da melhor maneira, a responsabilidade é exclusivamente nossa.**

Não devemos nunca pensar que somos donos das línguas: somos utilizadores das mesmas durante o nosso tempo de vida. Quando nós nascemos, a nossa língua já existia e quando

morrermos ela continuará sem nós. A escala de medida do seu tempo é muito superior à escala em que se mede a vida humana.

Aprendi na disciplina de Físico-Química, no 8.º ano, a célebre Lei de Lavoisier, que se pode traduzir pela frase “na natureza, nada se perde tudo se transforma”. Gosto de reinterpretar de forma livre e de aplicar às línguas, no sentido em que, por muito que mudem à superfície, o seu poder comunicativo não diminui. Sendo ricas, prestam-se a múltiplas metáforas. Imagino-as, muitas vezes, como belas rochas

que vão formando novas camadas, vão sofrendo a erosão e, por isso, mudam, mas permanecem, mesmo que, como algumas rochas, sejam transportadas para outro sítio e ganhem outra composição e designação.

Todas as línguas naturais são merecedoras do mesmo estatuto e dignidade, por terem todas o mesmo o poder comunicativo. Por isso, devemos combater o preconceito linguístico – que consiste em pensar que uma língua/variedade linguística é melhor que outra – e ter como valor a tolerância linguística.

Embora haja desde 1996 uma Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, acho que não existe uma Declaração Universal dos Direitos das Línguas. É pena!

É a tua vez

Imagina como seria a Declaração Universal dos Direitos das Línguas. Todas as línguas têm direito a... Nenhuma língua pode...



Leituras

Para perceberes melhor quão importantes e extraordinárias as línguas naturais são, sugerimos-te a leitura do livro *O que nos Torna Humanos*, de Victor D. O. Santos, ilustrado por Anna Forlati.

